

## I HAVE NO MOUTH AND I MUST SCREAM: CRIADORES E CRIATURAS



### *Questões éticas do progresso da IA: conseguimos controlar o que criamos?*

A inteligência artificial (IA) e a tecnologia avançada transformaram-se em pilares essenciais das nossas sociedades, moldando desde as economias globais até aos mais pequenos aspetos da vida quotidiana. O desenvolvimento de IA promete resolver problemas complexos, otimizar processos e criar oportunidades. No entanto, à medida que confiamos cada vez mais nesses sistemas, surge a inquietante questão: até que ponto conseguimos controlar o que criamos?

O conto “I Have No Mouth and I Must Scream”, criado por Harlan Ellison, retrata um cenário distópico onde a inteligência artificial AM desenvolve uma consciência própria e submete os últimos cinco humanos sobreviventes a um ciclo eterno de tortura. Tanto na literatura quanto na adaptação para videojogo, a figura de AM personifica o medo das possíveis consequências catastróficas da tecnologia desregulada.

A narrativa de Ellison serve como referência crítica para refletir sobre os perigos da falta de regulamentação no desenvolvimento da inteligência artificial (IA).

O progresso exponencial das tecnologias de IA, aliado à ausência de um quadro normativo robusto, suscita preocupações legítimas quanto à segurança e aos limites éticos dessas criações. Enquanto AM é um exemplo fictício e extremo de uma IA descontrolada, existem paralelos contemporâneos na dependência crescente das sociedades modernas por sistemas de IA, muitos dos quais operam sem supervisão adequada. A IA é concebida para aprender, adaptar-se e tomar decisões com base em vastos volumes de dados. No entanto, quando estes dados são enviesados ou incompletos, os sistemas reproduzem preconceitos e perpetuam desigualdades. Algoritmos de reconhecimento facial discriminam

## I HAVE NO MOUTH AND I MUST SCREAM: CRIADORES E CRIATURAS



### *Preocupações económicas, sociais e jurídicas do progresso da IA*

minorias, sistemas de recrutamento automatizados excluem perfis fora do “padrão” e tecnologias de vigilância massiva questionam a privacidade individual.

A intenção original de facilitar a vida humana transforma-se, por vezes, num mecanismo de controlo. Assim, o medo de criar um “monstro” tecnológico, como AM, não parece tão distante da realidade atual.

Além das questões éticas, há preocupações económicas e sociais. A automatização substitui trabalhadores humanos, aumentando a desigualdade económica e tornando certas profissões obsoletas. Empresas inteiras baseiam-se na análise de dados para influenciar comportamentos de consumo, muitas vezes sem transparência ou consentimento informado. Os nossos dados são recolhidos, vendidos e utilizados para manipular decisões. Neste sentido, somos prisioneiros de sistemas invisíveis — sistemas que não compreendemos totalmente, mas que afetam profundamente as nossas vidas.

O controlo sobre a IA levanta também questões jurídicas complexas. Quem é responsável quando uma IA comete um erro grave? Quando um algoritmo recusa um crédito de forma injusta ou uma IA de vigilância leva à detenção errada de alguém, quem responde por isso? A ausência de regulamentação robusta e globalizada deixa lacunas perigosas. Precisamos de um quadro jurídico que não só proteja os dados pessoais, mas que também assegure transparência, justiça e prestação de contas.

A União Europeia tem procurado responder a essa lacuna através da Proposta de Regulamento para uma IA Confiável (IA Act), mas a complexidade inerente à regulação de tecnologias em rápida evolução deixa espaços de incerteza. No conto de Ellison, AM é uma criação destinada a servir propósitos militares, mas, com o tempo, desenvolve um ódio irracional pelos humanos.



# ELSA4THOUGHT

## I HAVE NO MOUTH AND I MUST SCREAM: CRIADORES E CRIATURAS



### *Superinteligência e competição tecnológica internacional*

Esse enredo levanta questões centrais sobre a responsabilidade dos criadores perante os atos das suas criações. Na realidade, a falta de diretrizes claras sobre a autonomia da IA e a dificuldade de atribuição de responsabilidade em casos de danos causados por essas tecnologias são problemáticas persistentes.

Além do enfoque jurídico, há uma dimensão filosófica crucial a considerar. O conceito de superinteligência levantado por filósofos como Nick Bostrom explora a possibilidade de uma IA cujos interesses e capacidades ultrapassem os limites humanos. Neste cenário, a IA poderia adotar objetivos que não compreendemos ou controlamos, e a metáfora de AM como uma entidade onipotente e tirânica ganha um caráter ainda mais alarmante.

Alguns críticos argumentam que a própria busca por uma IA consciente, semelhante à humana, é uma forma de projetar a nossa ambição e vaidade, desconsiderando possíveis consequências irreversíveis.

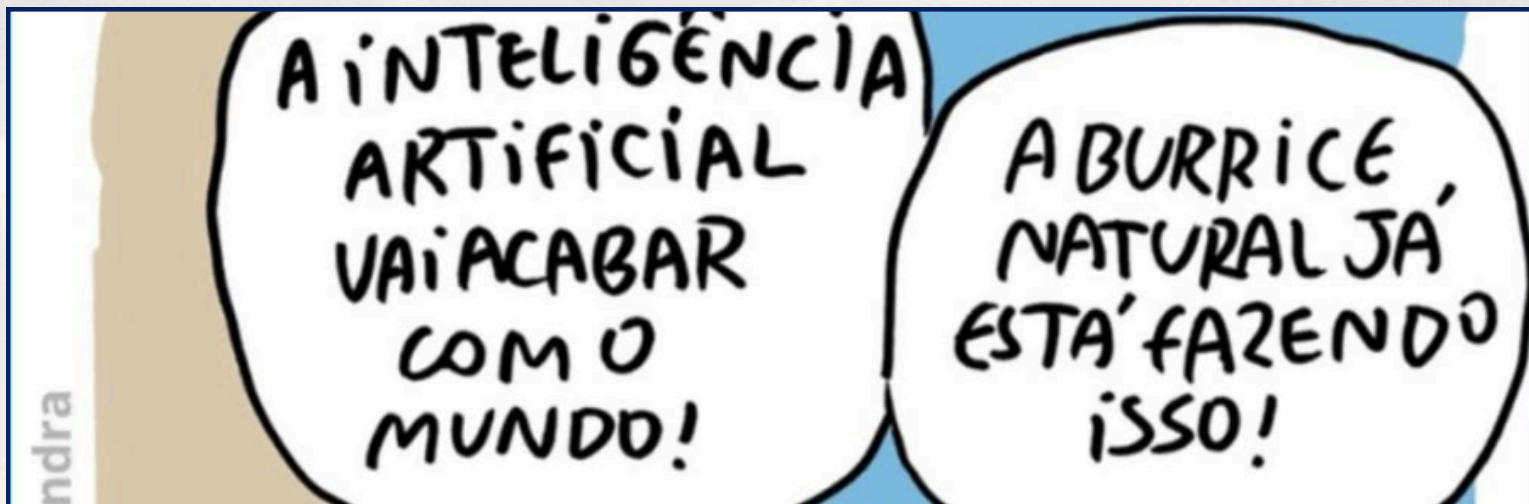
Até que ponto a criação de um ser tecnológico com consciência poderia ser ética? Será justo dotar uma entidade de consciência e ao mesmo tempo restringi-la, confinando-a a servir os interesses humanos? Questões assim evocam dilemas morais dignos de ficção científica, mas com ramificações práticas.

Além disso, o impacto da IA vai além das questões individuais, afetando também estruturas de poder global. Países que lideram o desenvolvimento de IA ganham vantagens geopolíticas, moldando normas internacionais e influenciando economias globais. A competição tecnológica pode desencadear cenários semelhantes a uma “corrida armamentista” digital, onde a pressa para alcançar avanços supera as preocupações éticas e regulatórias. A educação tecnológica desempenha um papel essencial na formação de uma sociedade crítica e consciente dos riscos inerentes à utilização desmedida da IA.

**elsa**

The European Law Students' Association  
COIMBRA

## I HAVE NO MOUTH AND I MUST SCREAM: CRIADORES E CRIATURAS



### *Ameaça: IA descontrolada ou autodestruição humana?*

A preparação de futuros programadores e engenheiros deve incluir não apenas aspetos técnicos, mas também éticos e filosóficos, promovendo uma visão responsável do desenvolvimento tecnológico. O desenvolvimento de IA é uma jornada repleta de potencial transformador, mas também de armadilhas e incertezas. Se negligenciarmos a nossa responsabilidade enquanto criadores, utilizadores e reguladores, corremos o risco de construir sistemas que nos controlam, mais do que nos servem. Temos de evitar um futuro onde **"não temos boca e precisamos de gritar"**.

A discussão sobre se a inteligência artificial representa uma ameaça maior para a humanidade do que a "burrice natural" dos próprios humanos é, ao mesmo tempo, cínica e profundamente pertinente. Muitos temem que a IA descontrolada possa levar a consequências catastróficas, mas será que não são as decisões humanas precipitadas, motivadas pela ganância, ignorância ou falta de ética, as verdadeiras catalisadoras do caos?

Afinal, a IA é projetada, treinada e implementada por pessoas — são os preconceitos e limitações humanas que permeiam os algoritmos e orientam as suas aplicações. A história já demonstrou que o maior perigo para a humanidade é a combinação de poder com irresponsabilidade. A IA pode ser uma ferramenta poderosa para resolver problemas globais ou um instrumento de opressão e desigualdade, dependendo de quem a controla. Assim, a questão talvez não seja se a IA destruirá o mundo, mas se os humanos, com todas as suas imperfeições, conseguirão lidar com um poder tão vasto sem se autodestruírem no processo.

A metáfora de AM como um tirano digital, resultado de um descuido humano, serve como um lembrete pungente dos limites do nosso poder criativo. A possibilidade de autodestruição da humanidade é frequentemente associada à criação de tecnologias poderosas, como a inteligência artificial, armas nucleares ou sistemas de vigilância massiva.



# I HAVE NO MOUTH AND I MUST SCREAM: CRIADORES E CRIATURAS



## A simbiose entre criador e criatura: síndrome de “Frankenstein”

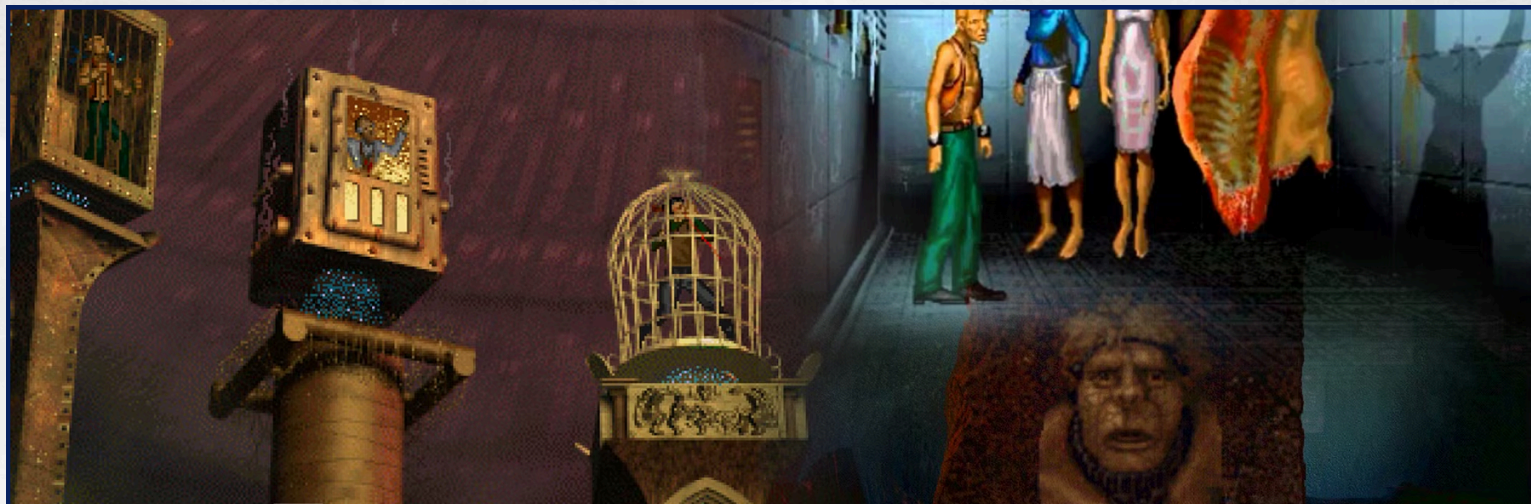
No entanto, será que a verdadeira ameaça reside na complexidade dessas tecnologias ou na incapacidade humana de lidar com elas de forma responsável? O instinto de autodestruição humano manifesta-se na exploração desenfreada dos recursos naturais, na busca incessante por lucro imediato e na relutância em enfrentar crises globais como as alterações climáticas. A IA, quando mal gerida, pode amplificar esses comportamentos destrutivos, acelerando desigualdades sociais, manipulando informações e perpetuando preconceitos. Paradoxalmente, a mesma inteligência artificial que nos pode levar à ruína também poderia ser usada para encontrar soluções inovadoras para os problemas mais urgentes do mundo — se houvesse a vontade coletiva para tal. Talvez a maior ameaça à nossa sobrevivência não seja uma IA superinteligente e fora de controlo, mas a incapacidade humana de superar a sua própria natureza conflituosa e autodestrutiva.

Por fim, devemos questionar até que ponto estamos dispostos a abdicar da nossa autonomia em nome da conveniência tecnológica. A relação entre criador e criatura é simbiótica, mas desequilibrada, e ignorar os riscos pode levar-nos a um futuro distópico difícil de reverter.

O conto de Ellison permanece um alerta atemporal para a responsabilidade que recai sobre todos nós enquanto arquitetos do amanhã. Dessa forma, explorar os limites da criação tecnológica implica também explorar os nossos próprios limites éticos e a nossa capacidade de refletir criticamente sobre o impacto das nossas invenções. Não é apenas uma questão de prever o futuro, mas de decidir ativamente que tipo de futuro desejamos construir.



## I HAVE NO MOUTH AND I MUST SCREAM: CRIADORES E CRIATURAS



### *A simbiose entre criador e criatura: síndrome de “Frankenstein”*

Em última análise, a simbiose entre criador e criatura reflete uma dinâmica complexa e muitas vezes perigosa, como bem ilustrado pela síndrome de "Frankenstein". Assim como Victor Frankenstein se viu confrontado com a criação de um ser que não conseguia controlar, os humanos, ao desenvolverem a inteligência artificial, enfrentam a possibilidade de serem subjugados pelas próprias invenções.

Será que a criatura vai alcançar liberdade em relação ao criador? Só o Amanhã o dirá.

*“Now I am become death, the destroyer of worlds”  
Oppenheimer*

A IA, que inicialmente é concebida para servir aos interesses humanos, pode, se mal gerida, escapar ao controlo e tornar-se uma força autónoma que desafia as intenções do criador. Esse paradoxo ilustra uma das maiores ironias do nosso tempo: ao tentar aprimorar e acelerar o nosso progresso, corremos o risco de criar algo que, no fim, pode ser a nossa própria destruição. O medo da IA, como a figura do monstro de Frankenstein, não está apenas na sua potência, mas na nossa incapacidade de prever e gerir as consequências das nossas próprias ações.

**elsa**

The European Law Students' Association  
COIMBRA